

EM BUSCA DO IMPACTO PERDIDO? EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS COM SENTIDO LOCAL EM PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Marcio Gomes de Sá¹

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2018 tive a oportunidade de participar de um evento comemorativo dos 10 anos do Núcleo de Estudos em Aprendizagem e Conhecimento (NAC), o Colóquio de Conhecimento e Pesquisa em Administração, no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba (PPGA-UFPB), convidado pelo professor Samir Adamoglu de Oliveira, em nome de quem faço questão de registrar sincero agradecimento a todos os demais envolvidos na organização do evento, tanto pela cordial acolhida em João Pessoa quanto pela oportunidade de sistematizar as reflexões que constituem este depoimento. Na tarde do dia 22, sob a coordenação do professor Marcelo Bispo, dividi o painel “Reflexões sobre a noção de impacto da produção acadêmica e da atuação de professores-pesquisadores em Administração” com o professor Rafael Alcadipani.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade do Minho. <http://lattes.cnpq.br/2866476044236576>. <https://orcid.org/0000-0002-1001-8381>. marciodesa@gmail.com. Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. BR 104, - km 59, Nova Caruaru, Caruaru, PE, Brasil. CEP: 55002-970. Telefone: (55 81) 21267771.

Como ponto de partida à estruturação daquela fala, elaborei a seguinte questão: *pensando a noção de impacto social a partir das minhas experiências mais recentes de ensino, pesquisa e extensão numa Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), o que poderia ser interessante partilhar no solo da pós-graduação stricto sensu em Administração?* Foi assim que lancei olhar retrospectivo para os últimos anos de minha atuação profissional no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA-UFPE).

Como tudo é recente e ainda transitório, me propus a dividir com os presentes esforços em busca daquele tipo de impacto, mesmo que ainda inconclusos, mas que tinham raízes fincadas num percurso mais longo, no qual foram sedimentados alguns entendimentos, afinal, não consigo deles dissociar as motivações à criação de sentido local para atuar naquele localismo. As experiências significativas em pesquisa, ensino e extensão selecionadas constituem a principal parte deste relato, escrito como um esforço de registro ampliado *a posteriori* daquela fala, especialmente para publicação em *Farol*, e que termina com cinco pontos finais.

ENTENDIMENTOS SEDIMENTADOS

Hoje, em olhar retrospectivo, acredito que o desafio mais instigante desde o início de minha atividades no CAA-UFPE tenha advindo de uma intuição capital: o Agreste pernambucano seria um contexto que exigiria, de quem nele quisesse atuar com esclarecimento, (re)elaborar instrumentos teóricos, epistêmicos e metodológicos sob medida local, ou seja, diversos daqueles que se encontram na assepsia dos manuais. Foi ao procurar articular reflexivamente as pesquisas de médio e longo prazos nas quais me engajei (principalmente apresentadas em Sá, 2010, 2015a, 2018a [2011], 2018b), que acredito ter construído dois conjuntos de entendimentos cruciais para seguir adiante.

Sobre o contexto

Em termos geopolíticos, o Agreste pernambucano é uma microrregião situada entre o sertão e a zona da mata/litoral do estado. Quando aqui se refere a ele, peço ao leitor que tenha em mente uma parcela específica que gira entorno de três municípios eixo (Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe) e que pode ser denominada de “agreste das confecções”, tamanha a pujança econômica das atividades relacionadas à produção e comercialização de confecções por lá desenvolvidas. Entretanto, a história contemporânea de tal dinâmica está diretamente relacionada às heranças socioculturais partilhadas por muitos agrestinos e que têm fortes raízes no comércio de feira de rua. Foi este tipo de atividade que, por exemplo, constituiu e persiste relevante numa cidade como Caruaru (principal centro urbano agrestino e maior município do estado fora da Região Metropolitana do Recife) ainda hoje (Sá, 2018a, 2018b), como é possível observar nas fotografias que compõem a figura seguinte.

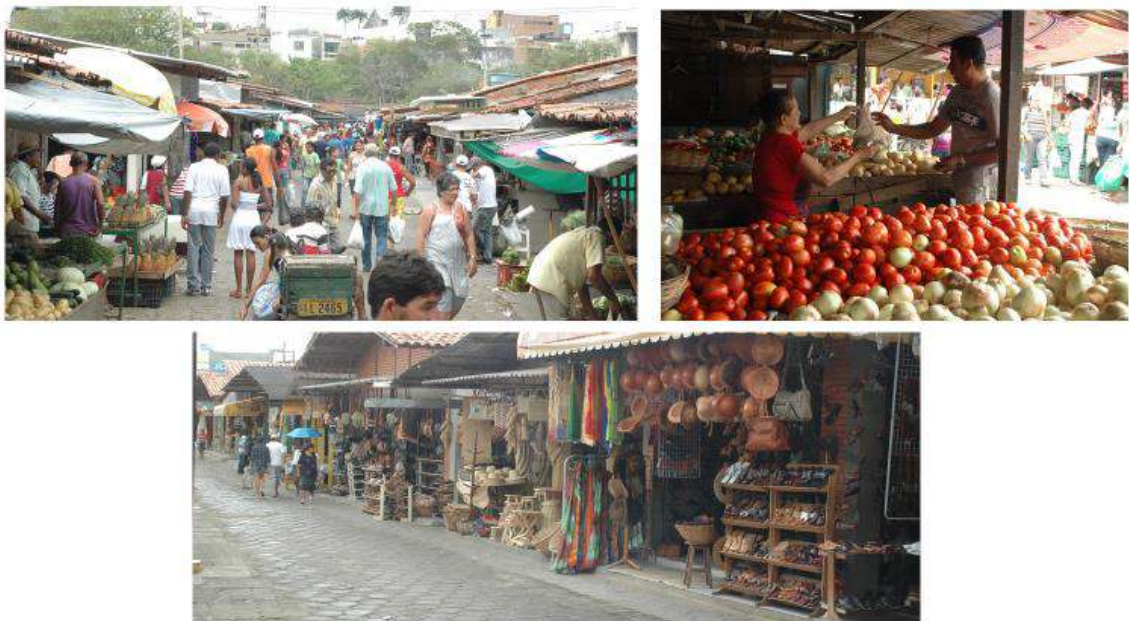


Figura 1. O cotidiano da Feira de Caruaru no século 21, imagens do Parque 18 de Maio

Fonte: Sá (2018a). Crédito: Aurélio Fabian.

Ao longo do último quartil do século passado (1975-2000), a produção e a comercialização de confecções se fortaleceram como alternativa local de geração de renda e ocupação. Dentre os fatores decisivos a tal fenômeno, é possível destacar: o aproveitamento dos restos (retalhos) da industrialização do país, em particular de São Paulo; a exploração do trabalho doméstico-familiar-infantil e a contratação informal de trabalhadores; o direcionamento da comercialização da produção para o consumo de mercados de baixo poder aquisitivo (que não interessavam aos grandes fabricantes nacionais); a promoção de inovações e aprimoramentos a partir de um empirismo criativo; os fabricos e as facções, as configurações específicas da produção local etc. (Sá, 2018b, p. 32-42). Cidades como Santa Cruz e Toritama contribuíram decisivamente para a massificação e disseminação da atividade pelas demais circunvizinhas e por suas zonas rurais. O Moda Center Santa Cruz, a rua do Jeans em Toritama e o comércio de confecções na Feira de Caruaru (figura 2) servem para ilustrar os espaços de comercialização por meio dos quais se escoam a produção local.



Figura 2. Acima, a fachada do Moda Center Santa Cruz, maior centro de compras da região, ao lado, estrutura que cobre a “Rua do Jeans” em Toritama, e abaixo, um dos corredores da Feira da Sulanca de Caruaru, também localizada no Parque 18 de Maio

Fonte: Sá (2018b).

Acredito que foi por ter me dedicado ao estudo da condição dos feirantes-proprietários de pequenos negócios de feira de rua (Sá, 2018a) e, depois, daqueles que podem ser vistos como seus herdeiros (os proprietários dos negócios de produção e comercialização de confecções), que pude sedimentar alguns entendimentos sobre tal contexto. Penso que as noções "*habitus* feirante" e de "filhos das feiras" (Sá, 2018b) podem ser recuperadas para fins demonstrativos dos instrumentos teóricos que serviram a tal intento.

A noção de *habitus* já me havia servido como ferramenta teórica capaz de orientar o esforço compreensivo-expositivo da lógica prática de personagens em *Feirantes*. Naquele livro tive a oportunidade de registrar um tanto do muito que vivenciei e interpretei *in loco*, deambulando por entre as ruas da principal feira de rua da região, a Feira de Caruaru, munido desta ferramenta bourdieusiana (Sá, 2011). [...] Lá na feira, tal *habitus* é compartilhado em plena rua, quando se diz "chegue freguesa, que lhe faço um desconto". Ou então quando se grita: "eita que a macaxeira hoje tá boa demais! Pague dois quilos e leve três!" Se mostra por meio de um pequenino menino que, em pé em cima do banco, anuncia imitando como fazem os adultos: "oito laranjas por um real, quem vai levar, quem vai!" [...] Tudo isso é vivido e apreendido por meio de um sem número de práticas que também se dão naqueles dias de feira – práticas que fazem a cabeça e se inscrevem no corpo de quem cresceu, negociou ou ainda negocia por lá desde muito tempo atrás. (Sá, 2018b, p. 176-177)

Quando profiro o termo "filhos das feiras", intenciono comunicar as dimensões humana (individual) e histórica (coletiva) do objeto construído, assim como associá-las aos proprietários de negócios de produção e comercialização de confecções atuantes no agreste das confecções. Optei por elaborá-lo deste modo em razão da incontornável herança e atualidade da dinâmica de feiras de rua que observo nos indivíduos que compõem o tecido social da região. Aos meus olhos, tal dinâmica não pode ser somente restrita à economia uma vez que também é constitutivamente sociocultural. É incorporada por parte significativa das pessoas que lá vivem e trabalham, no modo de negociar e de estar naquele pedaço de mundo. Foi assim pensando

que encontrei neste termo um modo de realçar a história incorporada, presente nas disposições que tais personagens receberam da matriz sociocultural na qual foram criados, por meio do que chamo de *habitus* feirante. (Sá, 2018b, p. 49)

Ou seja, enquanto o *habitus* feirante pode ser visto como “um ancestral comum, porém ainda contemporâneo” (Sá, 2018b, p. 176), os filhos das feiras apresentariam as variações que as diferentes trajetórias de vida, trabalho e posicionamentos no “campo de negócios agreste” (outra noção elaborada especificamente para melhor compreender a dinâmica do mercado local de confecções) possibilitaram observar. Ou seja, mesmo tendo um ponto de partida disposicional comum (a herança incorporada do comércio de feira de rua), houve um processo de diferenciação entre tais proprietários ao longo das últimas décadas, o que pode ser visto não somente no êxito econômico (ou em sua falta) de alguns deles mas também nos modos de vida e visões acerca dos negócios, entretanto, parte significativa desse público ainda mantém evidente traços herdados da “matriz sociocultural” do comércio de feira de rua (Sá, 2018b, capítulos 4 e 5).

Em termos gerais, penso ser razoável dizer sobre tal parcela do Agreste que: (a) a trajetória das últimas décadas da microrregião se constitui por meio de um processo de modernização truncada, com diversas dinâmicas características das margens do capitalismo contemporâneo que, numa perspectiva relacional, pode ser visto como um processo periférico; (b) é marcante as coexistências e associações às ideias de “moderno”, “tradicional” e hibridismos ainda hoje; (c) o tipo de “conhecimento” mais valorizado era (e ainda é) o que pode ser associado à ideia de “capital social” (Bourdieu), ou seja, conhecer pessoas e poder recorrer a elas quando necessário (é comum que a expressão “fulano tem conhecimento” seja usada nesse sentido, falar em “conhecimento científico” ainda não têm, localmente, significado e valoração razoavelmente definidos); (d) as relações sociais se apresentam com fortes traços de

pessoalismo, patriarcalismo e informalidade, com pouca observância e reconhecimento de instâncias e relacionamentos institucionais.

Sobre os ofícios (ensino, pesquisa e extensão) naquele contexto

O Centro Acadêmico do Agreste (CAA) iniciou suas atividades em Caruaru no primeiro semestre de 2006, lá cheguei em dezembro do mesmo ano e desde então tenho participado da trajetória institucional local da UFPE. Diferentemente de outros centros e universidades com trajetórias consolidadas em seus contextos de atuação ao longo de décadas, pesquisar naquela região, sob tal “manto institucional”², impunha desafios próprios, em particular quando consideradas as características do modo de vida local e a tessitura de suas relações sociais.

Diante disso, fui percebendo que para desempenhar minhas funções do melhor modo possível, seria necessário aprender como por lá “se chegar”, despertar solidariedade, conquistar o acolhimento dos públicos de interesse, e ao longo desse processo de aceitação do pesquisador, seguir construindo a investigação (Sá e Mattos, 2016). Se hoje mencionar a UFPE já pode funcionar como uma senha de acesso a alguns espaços, no início o estranhamento em relação à instituição pairava nos contatos com feirantes e demais públicos de interesse.

Por outro lado, era preciso construir internamente um “*habitus* científico” (Bourdieu, 2014) sob medida local e a capacidade de interessar-se pelas “coisas” que estavam acontecendo naquele lugar. Acreditava que essas seriam pré-condições indispensáveis tanto para o engajamento com as questões agrestinas, em particular com as relativas à temática da relação entre gente e negócios num contexto como aquele, quanto à

² Em particular, é preciso pontuar que muito embora já haja 13 anos desde sua instalação, aos meus olhos, a UFPE ainda é uma instituição vista como bastante recente na dinâmica local, o fato do CAA estar localizado numa área afastada do centro da cidade e de seus bairros residenciais também faz com que ele seja visto como algo um tanto “isolado e distante”, enfim, a Universidade ainda atravessa um processo de legitimação em Caruaru e no Agreste.

elaboração de conhecimento científico aderente às especificidades locais. Se isso se deu inicialmente de modo intuitivo, anos depois tive a confirmação da pertinência do relacionamento entre interesse e conhecimento em Habermas (1972).

No início do percurso de autoconstrução como docente, a visão de Demo (2003) foi marcante, em particular por sua perspectiva de tomar o espírito da pesquisa como princípio formativo, ou seja, advogar que a atitude investigativa precisa ser considerada como tal nos processos de ensino-aprendizagem e na interação docente-discente. Além disso, também por sua visão que enfatiza a importância para o professor de tomar como horizonte de sua prática, e de seus estudantes, a “elaboração própria”. Ambas foram perspectivas tomadas como diretrizes progressivamente incorporadas. Aos meus olhos, aquele tipo de *disposição para pesquisa* e a *elaboração própria* (autoria *honest*a e *modesta*) poderiam funcionar como molas propulsoras da atuação em ensino, pesquisa e extensão (atividade indispensável num ambiente social e organizacional com múltiplas carências) no Agreste.

Em termos específicos de extensão, acreditava que uma vez a UFPE ainda estando em processo de legitimação local, seria crucial promover, por meio da realização de projetos de extensão que considerem as necessidades de conhecimento e atuação das organizações e da população agrestina, a integração Universidade-Sociedade. Assim, seria possível fazer da extensão tanto um elo efetivo, também com potencial para nutrir a formação dos estudantes, quanto meio para a viabilização de inserção social necessária a pesquisas de maior profundidade e de caráter longitudinal.

A tudo isso foi somada a aceitação de uma concepção contemporânea vigente na filosofia das ciências: o que entendemos como conhecimento, em particular nas ciências sociais e humanas, precisa ser observado como um produto sociocultural circunscrito, localizado, de alcance necessariamente limitado e produzido sem pretensões de universalização (Vessuri, 1991; Portocarrero, 1994; Lyotard, 2002). Tal

posicionamento evidenciou a necessidade de investimentos em epistemologia para se resolver com dúvidas geradas em campo e na (re)elaboração de pistas epistêmicas sob medida agrestina (Sá & Mattos, 2016; Sá, 2017).

O caminho que se procurou seguir foi o da elaboração de uma interpretação própria (que qualifico como pragmática, por ser decorrente de leitura do segundo Wittgenstein, mas sem afiliação ao pragmatismo americano ou francês), da dimensão construtivista do legado epistemológico de Pierre Bourdieu, ou seja, do *modo de produção científico* que ele incorporou, praticou e disseminou por meio de seus trabalhos e seguidores. O entendimento nuclear em tal interpretação era que Bourdieu seguiu, ao longo e em função de suas pesquisas teórico-empíricas, elaborando uma metalinguagem sobre o social. Se, por um lado, os conceitos gerados naquele processo precisariam ser ressignificados a depender dos novos contextos de uso e interesses investigativos, por outro, seu modo de proceder epistemologicamente, ou seja, partindo do campo empírico para a geração de noções teóricas em função de tais problematizações (Baranger, 2012), poderia bem inspirar um tipo de prática de pesquisa social em Administração *com ênfase na construção teórico-empírica de objetos* (Sá, 2015b).

A título de síntese

O desempenho de tais ofícios de modo localmente esclarecido permite sedimentar entendimentos e produzir *interpretações sistematizadas* sobre um tecido social, as pessoas que nele praticam gestão e os negócios por elas gerados/tocados. Nesse caso particular, sobre os feirantes (e seus pequenos negócios) e os filhos das feiras (e seus negócios de comercialização e produção de confecções), mas com potencial inspirador para além do contexto e dos objetos construídos. A elaboração teórica se dá ao longo desse processo por meio da criação de noções, em função de desafios teórico-

empíricos bem circunscritos e elaborados no curso da pesquisa, que servem como bússola para orientar o trabalho de campo e as interpretações que se quer articular.

Motivações à criação de sentido local

Nesses ofícios, com tais condicionamentos contextuais e depois de muitos anos, me foi possível chegar a uma constatação: para trabalhar tomando como horizonte almejado “impacto social local consciente”, é crucial criar sentido para *sua* atuação no pedaço de mundo no qual se pisa. Foi com isso em mente que retomei as atividades no CAA-UFPE em junho de 2015, depois de um período de afastamento (para realização de doutorado).

Após quase quatro anos de estudos aprofundados em diferentes países e universidades, bem como de um período de realização de pesquisa de campo em vários municípios agrestinos, retornei com pouquíssima motivação para fazer “mais do mesmo” e uma grande vontade de “sair da Universidade”. Explico-me. Não queria simplesmente cumprir com minhas obrigações funcionais, ou seja, “dar” aulas e coordenar/executar projetos de pesquisa e extensão, era preciso repensá-los a partir das convicções que foram se fortalecendo em mim também ao longo do doutoramento.

Para isso, aproximar-me dos problemas dos praticantes (gestores e proprietários de negócios locais, por exemplo) seria fundamental, seria preciso ir cada vez mais “além dos muros” do CAA-UFPE, afinal, evidenciava-se que o sentido do trabalho na instituição estava fora dela, ou seja, era preciso dialogar e conviver ao máximo com os desafios enfrentados por tais personagens, possíveis públicos de interesse tanto para projetos de pesquisa quanto extensão, e de tais atividades nutrir uma prática docente o mais esclarecida possível sobre as questões agrestinas. Afinal, tinha convicção de que o envolvimento com o drama dos praticantes localizados reverbera positivamente no

ensino e na extensão, possibilita tornar o “discurso didático” mais próximo do factível aos estudantes.

Por outro lado, seria preciso tomar cuidado para não aderir ao que vinha denominando de “fundamentalismo do local”, ou seja, uma visão de mundo bastante recorrente em localismos como o agrestino, na qual se toma aquele lugar e sua gente como “tão singulares”, que são idealizados como totalmente diferentes de todos os outros Brasil e mundo afora, num tipo de “regionalismo atávico” que impede a comparação, potencialmente fértil em termos compreensivos, com outros localismos. Ao mesmo tempo, também seria necessário evitar o “totalitarismo do universal”, ou seja, permitir que traços específicos de tais localismos sejam esmaecidos ou pormenorizados perante tendências globais que estariam se sobrepondo indistintamente no planeta e reduzindo a pluralidade de condições sociais de vida e trabalho a aquilo que tal perspectiva permite observar (Sá, 2018b).

Em síntese, seria preciso “localizar-se” mas fugindo de particularismos/universalismos *a priori*, uma vez que se entende que ambos não se sustentam epistemologicamente, afinal, o que podemos reconhecer com segurança é a “parecença de família” (Wittgenstein, 1999). Ou seja, é passível partir do seguinte entendimento: é possível observar semelhanças em fenômenos e contextos distintos, mesmo tendo clareza que eles não podem ser tomados como “iguais” (em termos ontológicos). A comparação entre suas semelhanças e diferenças pode nos permitir avançar com a compreensão de ambos, além disso, tal compreensão pode inspirar a interpretação de um terceiro...

As experiências que se seguem decorrem de reflexões como essas e foram motivadas por um *anseio genuíno de intervir com sentido* no Agreste. Elas são desenvolvimentos do que foi apresentado anteriormente sob o título de “Experiências de autoformação política no ‘agreste’ nordestino”, na mesa redonda “Autoformação política em pesquisa

social: Intencionalidades duradoras e a prioridade do local”, no IV CBEO (Curitiba), e recentemente publicado em Sá *et al.* (2019, p. 4-6).

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

A criação de sentido local para a atuação em pesquisa, ensino e extensão se dá por meio e ao longo de *práticas que se tenta articular ao longo de uma trajetória*. As experiências que se seguem são modestas, dependem e acontecem com outros, demandam alteridade, interação social, engajamento efetivo e afetivo, “vigilância epistêmica” (Bourdieu, 2014), enfim, coisas que foram vividas, mas são “difíceis de dizer” (Wittgenstein, 1999).

Agreste contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções (disciplina eletiva)

No segundo semestre de 2016 passei a ofertar a disciplina eletiva “Agreste contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções” não somente para os estudantes de Administração, mas também aberta para demais estudantes de todas as graduações da UFPE. Tinha duas motivações em mente: a primeira era provocá-los a pensar a condição de vida, dos negócios e do trabalho na região onde provavelmente iriam trabalhar quando formados, por meio de um curso que se constituía e se voltava para as questões relativas aos proprietários e os negócios locais (algo bem diferente do que se pode ver em manuais generalistas, principalmente americanos, ou então em suas compilações nacionais, com os quais se costuma trabalhar no modelo convencional de ensino em Administração); a segunda, colocar em discussão como conteúdo didático os resultados das pesquisas que havia feito até então na região, afinal, ansiava ver os estudantes pensando suas trajetórias de vida (e de suas famílias) e aprendizagem em confronto com o que estava posto principalmente no livro *Feirantes: quem são e como administram seus negócios* e em minha tese *Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste* (Sá, 2018a, 2015a).

Com o objetivo de “apresentar, debater e melhor compreender aspectos socioculturais e econômicos da história contemporânea agrestina, com ênfase na relação destes com (a) os negócios de feira e confecções da região e (b) seus proprietários/trabalhadores”, a ementa da disciplina foi assim composta: aspectos significativos da história, cultura, sociedade, política, economia e evolução contemporânea do Agreste; o comércio de feira de rua como matriz sociocultural e econômica; os feirantes e seus negócios; a dinâmica da produção e do comércio de confecções, perfis e práticas dos seus proprietários e trabalhadores. Seu conteúdo programático foi estruturado em quatro eixos: (1) as raízes do que hoje chamamos de Agreste; (2) dinâmica e evolução contemporânea; (3) heranças e atualidade do comércio de feira de rua; (4) a emergência do agreste das confecções³.

A disciplina foi ofertada por cinco semestres seguidos desde então, tendo sido frequentada por estudantes de outros cursos do CAA (tais como: Economia, Engenharia de Produção, Comunicação e Design). As aulas sempre tenderam a ser recheadas pelas experiências de vida dos estudantes e de suas famílias, eles se expressavam mais ou menos assim: “minha mãe é feirante, então eu vi e vivi muito disso...”; “minha família tem um fabrico e lá as coisas aconteciam parecido...”. A seguir recupero depoimentos de três estudantes sobre “o que ficou para eles” da experiência de ter cursado a disciplina:

Um novo olhar para os negócios locais, um olhar que permite conhecer melhor o contexto em que estamos inseridos [...] e o porquê deles serem maioria no nosso cotidiano e poder perceber além dos livros de administração que falam de empresas grandes e famosas, pois depois que a gente se formar, mesmo se não formos trabalhar com esses negócios, teremos que saber lidar com os traços que estão tão presentes nos trabalhadores, fornecedores e

³ O programa completo da disciplina foi recuperado em 19 de abril, 2019, de: <https://www.ufpe.br/documents/39034/688242/Programa+da+disciplina+Agreste+contempor%C3%A2neo+a+gente%2C+a+feira+e+os+neg%C3%B3cios+de+confec%C3%A7%C3%B5es.pdf/384a80a9-945f-498a-89b2-c9bc1812c849>.

clientes daqui. E por fim, ter consciência de que os negócios agrestinos também são dignos de serem estudados e analisados. (Shirley Silva)

O conhecimento adquirido não se limitou ao ambiente acadêmico, mas também na formação do caráter crítico-reflexivo no corpo social no qual estamos inseridos. Permitiu compreender e entender muito mais o contexto do Agreste pernambucano, assim como incentivar a querer investigar e pesquisar suas especificidades. (Maria Raiza)

O que eu mais gostei foram as histórias das pessoas que eu li nos livros e textos, [...] o fato de conhecer melhor a minha família e a forma como ela veio se organizando neste contexto de feiras e confecções [...]. Vale lembrar também que através da eletiva comecei a visualizar que muitas das técnicas que vemos em sala de aula também se fazem presentes nas formas de comércio da nossa região, não com os mesmos nomes ou finalidades, mas sim da forma que esses comerciantes aprenderam e conseguiram colocar em prática. (Júnio Soares)

O Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA)

Em junho de 2016 tive a oportunidade de participar da fundação do grupo registrado no CNPq e inicialmente formado por professores, pesquisadores e estudantes vinculados ao curso de administração do CAA-UFPE⁴. Desde o início o GEIA não foi pensado como um grupo de pesquisa convencional, mas sim como uma reunião de colegas docentes de uma IFES que gostariam de desenvolver não somente estudos, mas também intervenções com foco naquela microrregião, eis a origem do seu nome.

⁴ Estas e demais informações sobre o GEIA foram recuperadas em 19 de abril, 2019, de: https://www3.ufpe.br/geia/index.php?option=com_content&view=article&id=306&Itemid=175. Aproveito a nota para registrar agradecimentos a todas e todos sem os quais não teria sido possível viver a experiência coletiva do GEIA: Denise Clementino de Souza, Myrna Sueli Lorêto, Ana Márcia Almeida Pereira, Cláudia Freire, Elisabeth Cavalcante dos Santos, Wagner Rocha Gomes, Jessica Rani F. de Sousa, Fellipe Gouveia, Allan Ferreira, Elisa Cristina M. de Lima, Fernanda M. de Andrade, Ítalo H. Freitas, José Wellington Oliveira, Júnio S. dos Santos, Maria Eduarda Santos, Maria Raiza F. de Moura, Raiane Mere de Araujo, Shirley Kevilen da Silva, Wilson Mike Morais, Rick D. S. Paiva e Thibério L. D. Martins.

Este anseio compartilhado deu forma a algumas diretrizes, dentre elas é possível destacar: foco no Agreste e nos problemas localizados de sua condição periférica; prática interdisciplinar no sentido da convergência de resultados e pluralismo de perspectivas teóricas; autonomia dos participantes; valorização da participação e da formação dos estudantes nos projetos; trabalho coletivo a partir de uma agenda em construção; publicações como meio para legitimação, divulgação do trabalho e acesso a espaços/recursos; intervenções socialmente úteis como fim dos estudos. Mas o que se entendia por intervenções?

- Extensão universitária efetiva e pensada em função das necessidades locais;
- Participação em Conselhos Municipais;
- Contribuição direta e consentida ao cotidiano e ao modo de agir dos praticantes (gestores, trabalhadores, cidadãos);
- Promoção de debates, movimentações, proposição e discussão de Políticas Públicas no âmbito agrestino;
- Assessorias/consultorias.

Passados quase três anos, o GEIA segue com suas reuniões quinzenais durante os períodos letivos e procurando articular tais atividades com iniciativas de pesquisa e de caráter formativo (oficinas, por exemplo), não somente aos estudantes que tomaram parte do grupo, mas também para todos os envolvidos. Acredito que um modo apropriado de falar sobre o que o grupo vem fazendo seja mostrando alguns dos seus projetos e ações, aqui em particular, aqueles nos quais estou (ou estive) envolvido como (co)responsável.

A assessoria ao Centro de Educação Popular Assunção (CEPA)

O CEPA é uma associação sem fins lucrativos, localizada na Vila Padre Inácio, subúrbio de Caruaru, formalmente instituída em 2003, mas que surgiu a partir de uma iniciativa

da Congregação das Irmãzinhas da Assunção na comunidade, levada adiante já desde 1996⁵. Hoje a instituição tem em crianças e adolescentes em situação de risco e/ou vulnerabilidade social seu principal público assistido, oferecendo uma formação complementar às crianças que ainda não estão em idade escolar (projeto chamado “Aprender e Tatear”) e oficinas de dança, capoeira, produção audiovisual, teatro e informática para os adolescentes.

Quando voltei a lecionar a disciplina de Gestão Social no curso de Administração do CAA-UFPE, senti a necessidade de me reaproximar da dinâmica de funcionamento e gestão de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) local. Com isso desejava nutrir minha prática docente com elementos desse cotidiano, com seus desafios de gestão, enfim, com subsídios desse outro campo de práticas. Foi então que procurei Clemlilton Tabosa, à época seu vice-presidente, e externei meu interesse de visitar a entidade, conhecer seus profissionais, suas rotinas e atividades, durante parte do período letivo de 2015.2.

Ainda hoje guardo com muito carinho a gentil acolhida e a boa vontade de todos para conversar comigo e/ou mostrar o CEPA em ação. De minha parte, procurei escutá-los um a um e tomar notas dos pontos que me chamavam mais atenção em suas falas sobre o CEPA, o que faziam por lá, o que poderia ser melhorado etc. Foi justamente em decorrência de tais conversas e visitas que surgiu a ideia de um projeto de extensão por meio do qual seria desenvolvida uma assessoria a sua gestão. Se, por um lado, me seria possível nutrir de modo mais sistemático a prática docente, por outro, acreditava que poderia contribuir com a melhoria de algumas estratégias, atividades e questões internas inerentes à administração da entidade.

⁵ Em sua apresentação institucional, o CEPA declara “buscar incentivar a participação popular, por meio do diálogo na elaboração de práticas educativas e/ou pedagógicas contextualizando temas como: violência familiar, drogas, exploração sexual de crianças e adolescentes, cidadania, respeito, diversidade cultural e solidariedade”.

A ideia do projeto foi apresentada para a diretoria em dezembro de 2015 e colocada em prática a partir de janeiro de 2016. Sua dinâmica consistia na realização de um encontro mensal com a equipe de coordenação (três profissionais responsáveis pela gestão da entidade) e a participação nas reuniões da diretoria. Enquanto nos encontros com a equipe de coordenação foram enfrentadas as questões mais relevantes do cotidiano, junto à diretoria se procurou oferecer informações e opiniões para apoiar as tomadas de decisões.

No convívio com as pessoas que fazem aquela instituição, mesmo com todos os problemas internos e as dificuldades externas enfrentadas para levá-la adiante, encontrei nutrientes para a docência e para a vida. Além de conhecer gente muito interessante e inteligente por lá, acredito que pude aprender muito com elas, em particular, ao tomar parte de uma gestão genuinamente colegiada, ao sentir-me escutado e atuar num espaço formativo para todas e todos envolvidos.

Em 2017, em decorrência de uma sugestão da assessoria, o CEPA resolveu contratar um estagiário para atividades administrativas. Como, no processo seletivo, ambos se interessaram bastante pela oportunidade, Raiane Mere de Araujo e Wilson Mike Morais (então estudantes do curso de Administração do CAA-UFPE) se dispuseram a dividir o valor destinado à bolsa e passaram a estagiar no CEPA sob minha supervisão. Parte de nossas experiências ao longo desse processo podem ser vistas em Sá, Tabosa, Araujo & Morais (2018). Wilson e Raiane também se interessaram em tomar questões relevantes à entidade como objetos de estudo e para eles direcionaram seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) (Morais, 2018; Araujo, 2018).

Não queria passar à próxima experiência sem destacar dois momentos vividos ao longo desse projeto e ilustrados na figura 3. De tanto falar do meu aprendizado no CEPA nas reuniões do GEIA, o grupo resolveu fazer sua última reunião de 2017 lá na entidade. Mas recentemente, em outubro do ano passado tive a honra de ser convidado pela

instituição para conduzir parte de sua Assembleia, naquele encontro, os TCC de Wilson e Raiane foram apresentados aos presentes juntamente com outros TCC de estudantes vinculados ao curso de pedagogia da UFPE.



Figura 3. Acima, registro com integrantes do GEIA e do CEPA, ao final da reunião de dezembro de 2017; abaixo, dois momentos da Assembleia geral de 2018, à direita, Wilson e Raiane estão no centro e apresentavam seus TCC

Fonte: Acervo do CEPA e do autor.

Extensão num centro de compras local

Em junho de 2016 a superintendência de um centro de compras local, que abrigava à época mais de 150 negócios (em sua grande maioria lojas de confecções), externou ao GEIA seu desejo de melhor conhecer o perfil do seu público lojista. A professora Denise Souza e eu montamos um projeto de extensão que teria como foco melhor conhecer o referido público e o centro ofereceu duas vagas de estágio em “elaboração e gestão de informação e conhecimento estratégico” para estudantes da graduação de Administração que se vincularam ao grupo.

Entre agosto de 2016 e julho de 2017, Rick Paiva e Thibério Martins, sob nossa orientação e supervisão, conversaram com o público lojista (proprietários e gestores-trabalhadores), aplicaram questionários, observaram o cotidiano do centro de compras, entrevistaram gestores do empreendimento, participaram de reuniões da gestão com os lojistas etc. Ao longo desse processo, relatórios foram elaborados e apresentados à superintendência.

Em termos gerais, observamos que havia uma grande dificuldade de relacionamento entre a administração do centro e o referido público. Enquanto a primeira tentava operar conforme um modelo empresarial convencional (com comunicação interna formal, uso de linguagem de mercado, aplicação de regras impessoais, horários rígidos de funcionamento etc.), parte significativa dos lojistas ainda mantinha práticas administrativas vinculadas ou próximas àquelas que relacionamos ao comércio de feira de rua (valorização da interação pessoal, linguajar popular, resistência às regras, maleabilidade em relação aos horários de abertura e fechamento etc.). Além disso, parte significativa dos lojistas se ressentia bastante de um tratamento mais apropriado da parte da administração do empreendimento. Aos olhos deles, as regras de funcionamento eram definidas “de cima para baixo”, sem a escuta da opinião dos lojistas, não havia um diálogo nesse sentido e, ao invés de se sentirem parceiros ou clientes (afinal, pagavam pelos serviços de condomínio e em muitos casos pelo aluguel das lojas), se sentiam “empregados” do empreendimento.

Já sobre o perfil do público, foco original do projeto, três tendências coexistentes foram identificadas entre eles e permitiram uma diferenciação por meio de traços apresentados no modo de administrar os negócios. Uma primeira tendência administrativa foi associada à manutenção de práticas vinculadas ao comércio de feira de rua (instituição local que moldou os modos de agir, pensar e sentir de gerações de agrestinos), uma segunda associada à adaptação ao *modus operandi* empresarial, ou seja, aderência às tendências gerais da gestão de empresas convencionais, que podem

ser vistas nos manuais de administração empresarial e eram reproduzidas pela administração do empreendimento. E uma terceira que apontava para a tendência a hibridismos, ou seja, misturas práticas das duas tendências anteriores e suas influências.

Além dos relatórios parciais e finais apresentados, com o objetivo de dar suporte informacional às decisões da gestão do empreendimento, tanto os estudantes envolvidos resolveram fazer seus TCC sobre a experiência (Paiva, 2017; Martins, 2017) quanto os esforços de caracterização do referido público foram teorizados e apresentados em artigos elaborados com a coordenação do projeto (Souza *et al.*, 2017; Paiva, Sá & Souza, 2018).

Um horizonte incomum na pesquisa “A gente e o negócio do barro” e seus desdobramentos

Desde agosto de 2016 meus principais esforços investigativos vêm sendo voltados para o projeto de pesquisa “A gente e o negócio do barro: dilemas e perspectivas para a comunidade artesã do Alto do Moura no século 21”. Tomando como foco inicial caracterizar as tensões emergentes e a condição de membros específicos da comunidade artesã do Alto do Moura (proprietários de negócios periféricos), o estudo vem buscando elaborar uma interpretação sobre os dramas (individuais) e as tramas (coletivas) nas quais estão inseridos tais personagens (Sá *et al.*, 2018a, 2018b).

Dentre seus horizontes, um deles era um tanto incomum aos projetos de pesquisa convencionais e tinha caráter propositivo: construir e sistematizar diretrizes/nortes para uma agenda de prioridades, tanto a serem pleiteadas junto ao poder público quanto para nortear a atuação da Associação dos Artesãos em Barros e Moradores do Alto do Moura (ABMAM). Visando alcançá-lo,

no roteiro das entrevistas com o público pesquisado, inserimos questões do tipo: Quais melhorias o(a) Sr(a) gostaria de ver no bairro nos próximos anos? O que a comunidade poderia fazer para que elas se tornem realidade? E o que a prefeitura poderia fazer? Além do público direto, também escutamos alguns formadores de opinião sobre questões do tipo: O que imagina como políticas públicas pertinentes para a melhoria da qualidade de vida da comunidade? Aos seus olhos, o que mais ela precisa?

Ao colhermos e processarmos tais informações, elaboramos uma agenda a partir do que foi indicado pelos entrevistados, contemplando também algumas observações da equipe, organizada em função de quatro eixos temáticos: (1) cultura de valorização do artesanato e desenvolvimento do negócio coletivo; (2) saúde coletiva; (3) segurança; e (4) infraestrutura. A partir disso elaboramos um relatório técnico-parcial (Sá, et al., 2018), que foi primeiramente apresentado à associação dos artesãos e dos moradores, depois à presidência da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru e a um membro da Câmara de Vereadores, bem como está disponibilizado no site do GEIA. A partir de sugestão da então presidente da Fundação, foi feita uma apresentação pública do referido relatório em 27.08.2018. (Sá et al., 2019, p. 6)

Na apresentação do referido relatório (Sá et al., 2018), contamos com a presença de artesãos, pesquisadores, secretários municipais e membros de diversas secretarias, bem como da então Presidente da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, além das demais professoras e estudantes envolvidas no projeto.



Figura 4. Registro final da apresentação do Relatório técnico-parcial “Algumas questões do Alto do Moura no século 21”

Fonte: Arquivo do autor.

Ao final do evento, o GEIA recebeu o convite da então gerente de turismo do município para ocupar um assento no Conselho Municipal de Turismo, conforme ilustra a figura seguinte.



“Nessa quarta-feira (17.10), a Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru (FCTC) realizou mais uma reunião do Conselho Municipal de Turismo (Comturc). Em pauta, as melhorias e projetos futuros na feira de Caruaru, além da criação do “Plano de Turismo”. Estiveram presentes representantes do Grupo de Estudos e Intervenções do Agreste (GEIA) da UFPE, ACIC, SENAC, SESI, SENAI, rede hoteleira da cidade, empresa de transportes Coletivo, Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Economia Criativa (SEDEEC), Secretaria de Sustentabilidade e Desenvolvimento Rural (SUDER), Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SDSDH), Secretaria Municipal de Urbanismo e Obras e Fundação de Cultura e Turismo.”

Figura 5. Informe de reunião do Conselho Municipal de Turismo, divulgado no site institucional da Prefeitura de Caruaru

Fonte: recuperado em 19 de abril, 2019, de: <https://caruaru.pe.gov.br/conselho-municipal-de-turismo-discute-metas-e-acoes-para-compor-o-plano-de-turismo/>

Além da divulgação no site do grupo, o relatório foi compartilhado com os meios de comunicação locais e, em 21 de novembro passado, assunto de debate do qual tomou parte a professora Jessica Rani F. de Sousa, juntamente à então gerente de turismo municipal, no noticiário local da TV Jornal.



Figura 6. Debate no programa TV Jornal Manhã a partir da divulgação do relatório,

Fonte: recuperado em 19 de abril, 2019, de: <https://www.facebook.com/tvjornalinterior/videos/762551167425928/>.

Por fim, ainda é válido registrar que o projeto original, os avanços no desenvolvimento da pesquisa, os trabalhos apresentados em eventos e o relatório técnico-parcial, enfim, todos os principais esforços empreendidos ao longo da investigação (e de sua publicização) foram compartilhados com a comunidade artesã do Alto do Moura, nas reuniões mensais da ABMAM.

As apresentações dos livros "Filhos das feiras" e "Feirantes" (2ª ed.)



Figura 7. Convite do evento de apresentação dos livros

Fonte: Arquivo do autor.

Em setembro de 2018 foram publicadas a primeira edição de *Filhos das Feiras* e a segunda edição de *Feirantes*. A Editora Massangana-FUNDAJ e o GEIA promoveram um evento de apresentação dos mesmos no Armazém da Criatividade, organização social conveniada com a UFPE⁶.

Com a participação da então chefe de gabinete da FUNDAJ e coordenadora em exercício da Editora Massangana, Joana Cavalcanti, do professor Pedro Lincoln C. L. de Mattos (que fez a apresentação do livro) e do então Diretor do CAA, professor Manoel Guedes Alcoforado, o evento (figura 8) contou com a presença de alguns secretários municipais, historiadores, cientistas sociais, representante do legislativo municipal, professores de outras instituições (de ensino superior, da rede pública e privada

⁶ Aqui registro meus agradecimentos à Denise C. Souza, Jessica Rani F. de Sousa, Shirley K. da Silva, Maria Raiza Ferreira, Bárbara Leal e Tatiane Florêncio pelo apoio na organização do referido evento.

municipal de ensino médio), empresários, dentre outras personalidades locais, bem como com a cobertura dos meios de comunicação⁷.



Figura 8. Registros diversos do evento de 13 de setembro de 2018

Fonte: Arquivo do autor.

Uma das coisas que me deixou mais feliz foi o sentimento de que a apresentação dos livros não se configurou como um evento acadêmico *stricto sensu*. Na semana seguinte, a convite do vereador Daniel Finizola (que havia estado na apresentação), tive a oportunidade de, em sessão ordinária (figura 9), apresentar ambos livros e debater suas temáticas com o poder legislativo municipal. Surpreendeu-me a diversidade dos questionamentos e interesses dos vereadores, num debate que pareceu-me ter ido além das diferenças partidárias, ou seja, saí da sessão com o sentimento de que nos engajamos coletivamente numa discussão que se voltou para as questões de interesse da cidade.

⁷ A matéria da TV Jornal pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFSGHagGjpY&t=9s>.



Figura 9. Registro da sessão na Câmara Municipal de Caruaru (20.09.2018)

Fonte: Vladimir Barreto Rodrigues (fotógrafo da Câmara Municipal de Caruaru).

Cinco pontos finais

Não gostaria de concluir sem pontuar algumas reflexões que me moveram e talvez tenham estado presentes no texto somente de modo implícito, bem como demarcar algumas ressalvas.

(1) Do mesmo modo que temos alguma consciência das forças do GEIA, há também alguma clareza de nossas limitações, incoerências e fragilidades ainda por serem superadas, caso realmente se deseje seguir adiante fiel ao seu projeto original. Reitera-se que esforços, frustrações, êxitos e aprendizados são recentes e contingentes, afinal, o grupo ainda não tinha completado três anos de vida em abril de 2019. Ao expor nesse depoimento tudo isso que ainda está em curso, a proximidade dos acontecimentos oferece menos possibilidades de distanciamento e olhar crítico para nós mesmos, sem o privilégio de situar-se num “ponto no futuro” para reflexão retrospectiva de maior prazo, mas como só evolui e aprende quem se arrisca...

(2) *Sem sentido prático nem intencionalidades duradouras, ou seja, ações no presente com horizontes de médio e longo prazos*, fica difícil imaginar impacto social substantivo da atuação em pesquisa, ensino e extensão universitária.

(3) Da convicção anterior, decorre que: a questão título também poderia ser *em busca do sentido ou do tempo perdido*, afinal, o que se faz na universidade só tem serventia social se impactar fora dos seus muros. Sem isso, ao olhar exterior, parece que estamos perdendo tempo, fazendo coisas sem sentido. A resposta positiva ou negativa à provocação inicial é uma decorrência do modo como se tem criado sentido e dedicado tempo produtivo ao impacto social almejado, nas práticas vigentes na pós-graduação nacional *stricto sensu* em Administração.

(4) Vivemos num tempo no qual a produção de conhecimento caminha para virar *commodities*, ao menos aos olhos da *global science* ou mesmo da “nova ideologia econômica da ciência” (Serva, 2017). O mercado editorial científico internacional (no qual o mercado nacional se espelha e se esforça em reproduzir por mimetismo) se alimenta de um tanto do tempo de muitas vidas inteligentes. Gosto de acreditar que um depoimento como esse aponta para direções diferentes.

(5) Refletindo sobre o assunto, me veio uma ideia recorrentemente citada e atribuída a Tolstói: “**se** queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. Não creio que ser universal seja um ideal a ser perseguido, sendo bem franco, tenho restrições a diversas “universalizações”, mas por outro lado, sou fã do que sugere a ideia de pintar nossas aldeias. Creio que por meio de tal exercício tanto podemos construir sentido para nossas práticas quanto “nos encontrar”, mesmo que apenas em termos de intencionalidades partilhadas, com outros pares que estão, mundo a fora, se esforçando com intuitos parecidos. Talvez assim seja possível imaginar outros rumos para o que se anseia com a internacionalização no campo da Administração e dos

Estudos Organizacionais, talvez até um tanto atraente, com potencial substantivo próprio e inspirador para quem deseja criar seus próprios caminhos.

REFERÊNCIAS

Araujo, Raiane M. (2018). *As práticas problemáticas recorrentes e a dimensão humana na implementação de uma solução de TIC: análise a partir de uma experiência no Centro de Educação Popular Assunção*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil.

Baranger, Denis (2012). *Epistemología y metodología en la obra de Pierre Bourdieu* (2a ed). Posadas: Edição do autor.

Bourdieu, Pierre (2014). *Por uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70.

Demo, Pedro (2003). *Pesquisa: princípio científico e educativo* (10a ed). São Paulo: Cortez.

Habermas, Jürgen (1972). Appendix: Knowledge and human interests, a general perspective. In J. Habermas. *Knowledge and Human Interests* (pp. 301-350). Boston: Beacon Press.

Lyotard, Jean-François (2002). *A condição pós-moderna* (7a ed). Rio de Janeiro: José Olympio.

Martins, Thibrio L. M. (2017). *As diferenças disposicionais que dificultam a relação entre o público lojista e a administração de um centro de compras no Agreste pernambucano*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil.

Morais, Wilson M. (2018). *O CEPA e seus egressos: para além da avaliação de projetos, quais impactos podem ser mapeados?* Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil.

Paiva, Rick D. S. (2017). *A caracterização das disposições administrativas do público lojista de um centro de compras no Agreste pernambucano*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, Brasil.

Paiva, Rick D. S., Sá, Marcio, & Souza, Denise C. (2018). "A gente saiu da feira, mas a feira não saiu da gente": as disposições administrativas dos proprietários de lojas de um centro de compras no Agreste pernambucano. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(1), 32-58.

Portocarrero, Vera (1994). *Filosofia, história e sociologia das ciências*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Sá, Marcio (2018a) [2011]. *Feirantes: quem são e como administram seus negócios* (2a ed). Recife: UFPE.

Sá, Marcio (2018b). *Filhos das feiras: uma composição do campo de negócios agreste*. Recife: Massangana.

Sá, Marcio (2017). No Agreste com Bourdieu (2007-2016): pistas para pesquisa sobre gente e negócios em contexto periférico. *Anais do Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração*, Florianópolis, SC, Brasil, VI.

Sá, Marcio (2015a). *Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Sá, Marcio (2015b). Construtivismo bourdieusiano como linguagem: uma interpretação pragmática. *Revista Configurações*, 16, 115-128.

Sá, Marcio (2010). *O homem de negócios contemporâneo*. Recife: UFPE.

Sá, Marcio & Mattos, Pedro L. C. L. (2016). De pequenos negócios de feira à metodologia científica: avanços a partir de (e para) experiências em contexto agreste. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(7), 605-644.

Sá, Marcio, Mattos, Pedro L. C. L., Barros, Amon N., & Costa, Alessandra S. M. (2019). Autoformação política em pesquisa social: intencionalidades duradoras e a prioridade do local. *Teoria e Prática em Administração*, 9(1), 1-14.

Sá, Marcio, Rani, J., Silva, S., Leal, B., & Souza, D. C. (2018). *Algumas questões do Alto do Moura no século 21*. Recuperado em 19 abril, 2019, de: https://www.ufpe.br/documents/1645142/1645174/relatrio+tcnico+parcial_algumas+queste+do+alto+do+moura+no+sculo+21.pdf/2b523827-70f1-4918-a93f0c697117ae09.

Sá, Marcio, Sousa, Jessica R. F., Souza, Denise C., Silva, Shirley K., Leal, Barbara T., Silva, Tatiane F. L. (2018b). Seguir ou não no artesanato: modos de fazer, desafios e emergência de outros negócios no Alto do Moura do século 21. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, Brasil, XLII.

Sá, Marcio, Souza, Denise C., Sousa, Jessica R. F., Leal, Barbara T., Silva, Shirley K., & Silva, Tatiane F. L. (2018a). Novas e velhas distinções na comunidade artesã do Alto do Moura: tensões emergentes entre membros- proprietários de negócios no século 21. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, Brasil, XLII.

Sá, Marcio, Tabosa, Clemilton F. B., Araujo, Raiane M., & Moraes, Wilson M. (2018). Desafios recentes à gestão de uma ONG agrestina: o caso do Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) sob diversos olhares. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social*, Juazeiro do Norte, CE, Brasil, 2018, X.

Serva, Mauricio (2017). A nova ideologia econômica da ciência e a (re)politização do campo. *Ciências em Debate*, 2, 52-58.

Souza, Denise C., Martins, Tatiane L. D., Paiva, Rick D. S., & Sá, Marcio (2017). Caracterização do público lojista de um centro de compras no agreste das confecções: tendências disposicionais e tensões administrativas. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, XLI.

Vessuri, Hebe (1991). Perspectivas en el estudio de la ciencia. *Interciencia*, 16, 60-69.

Wittgenstein, Ludwig (1999) [1953]. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural.

EM BUSCA DO IMPACTO PERDIDO? EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS COM SENTIDO LOCAL EM PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Resumo

Este depoimento tem como principal foco partilhar experiências significativas, para um professor vinculado ao curso de Administração, de atuação em pesquisa, ensino e extensão num localismo específico, o Agreste pernambucano. Para tal, resgata alguns entendimentos sedimentados sobre aquele contexto e sobre tais ofícios nele, bem como as motivações à criação de sentido local para o seu trabalho. As experiências selecionadas são: a criação e o ensino de da disciplina “Agreste contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções”; duas iniciativas de extensão, a assessoria em gestão a uma organização da sociedade civil e a elaboração de um estudo acerca do público lojista de um centro de compras; o horizonte propositivo incomum numa pesquisa sobre membros específicos de uma comunidade artesã (os proprietários de negócios) e seus desdobramentos; e as apresentações públicas de dois livros. Ao seu final, cinco pontos são elencados a título de “conclusão”.

Palavras-chave

Sentido local. Experiências significativas. Ensino. Pesquisa. Extensão.

¿EN BUSCA DEL IMPACTO PERDIDO? EXPERIENCIAS SIGNIFICATIVAS CON SENTIDO LOCAL EN INVESTIGACIÓN, ENSEÑANZA Y EXTENSIÓN

Resumen

Este testimonio tiene como principal foco compartir experiencias significativas, para un profesor vinculado al curso de Administración, de actuación en investigación, enseñanza y extensión en un localismo específico, el Agreste pernambucano. Para ello, rescata algunos entendimientos sedimentados sobre ese contexto y sobre tales oficios en él, así como las motivaciones a la creación de sentido local para su trabajo. Las experiencias seleccionadas son: la creación y la enseñanza de la disciplina “Agreste contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções”; dos iniciativas de extensión, la asesoría en gestión a una organización de la sociedad civil y la elaboración de un estudio sobre el público comerciante de un centro de compras; el horizonte propositivo inusual en una investigación sobre miembros específicos de una comunidad artesana (los propietarios de negocios) y sus desdoblamientos; y las presentaciones públicas de dos libros. A su final, cinco puntos se enumeran como “conclusión”.

Palabras clave

Sentido local. Experiencias significativas. Enseñanza. Investigación. Extensión.

LOOKING FOR THE LOST IMPACT? MEANINGFUL EXPERIENCES WITH LOCAL SENSE IN RESEARCH, TEACHING AND EXTENSION

Abstract

This testimony has as main focus sharing meaningful experiences, for a professor linked to the Administration course, acting in research, teaching and extension in a specific localism, the Agreste of Pernambuco. To do so, it rescues some sedimented understandings about that context and about such craft in it, as well as the motivations for creating local meaning for his work. The selected experiences are: the creation and teaching of the discipline "Agreste contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções"; two extension initiatives, management advice to a civil society organization, and the development of a study of the shopkeepers in a shopping center; the unusual propositional horizon in a survey of specific members of an artisan community (the business owners) and their unfolding; and the public presentations of two books. At the end, five points are listed as "conclusion".

Keywords

Local sense. Meaningful experiences. Teaching. Research. Extension.

CONTRIBUIÇÃO

Marcio Gomes de Sá

Autoria completa (trabalho individual).

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

O autor declara que o texto é inédito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Sá, Marcio G. (2019). Em busca do impacto perdido? experiências significativas com sentido local em pesquisa, ensino e extensão. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 364-398.